

NOTAS SOBRE A MANIFESTAÇÃO DA ALTERIDADE EM *A MENINA MORTA*, DE CORNÉLIO PENNA

Guilherme Zubaran de Azevedo

Mestre em Teoria da Literatura Letras / PUCRS

RESUMO

O presente artigo analisa o romance *A menina morta*, de Cornélio Penna, focalizando as relações de gênero e etnia. A reflexão concebe a emergência dos grupos minoritários como lugares de enunciação capazes de instaurar outras temporalidades relacionadas com suas experiências sociais, estabelecendo a heterogeneidade e fissurando a homogeneidade da nação.

PALAVRAS-CHAVE

Nação, memória, minoria, alteridade

A discussão a respeito da condição da cultura nacional revela diferentes perspectivas relacionadas, de um lado, com as esferas de dominação entre os países e, de outro, com a emergência de tensões identitárias – de raça, gênero e classe – no seio das sociedades. Esses dois polos do debate evidenciam maneiras distintas de olhar as trocas culturais, no âmbito internacional, e as relações de poder estabelecidas entre os grupos sociais. Essas questões emergem, no Brasil, a partir de problemas que dizem respeito à perda do sentido de nacionalidade – como dispositivo fundamental de construção das subjetividades – e, por conseguinte, o surgimento de espaços de enunciação heterogêneos capazes de encenar experiências de alteridade. Esses dois elementos servem como base para a análise do romance *A menina morta* de Cornélio Penna.

Parte do discurso crítico brasileiro considera a realidade nacional conforme as relações, dialeticamente estabelecidas, com os países centrais do capitalismo, em cujo sistema o Brasil se insere de modo dependente, copiando as instituições políticas e culturais do mundo europeu e adaptando-as ao cenário local. Esse processo implica a formação de uma vida intelectual que não corresponde às condições sociais do país, daí a constituição de um campo de análise no qual se destacam as noções de originalidade, dependência e cópia. A expressão

“ideias fora do lugar”, trabalhada por Roberto Schwarz,¹ evidencia uma mirada para a qual a inadequação do pensamento político brasileiro e da sua literatura decorre da manutenção da realidade colonial subordinada à modernidade liberal e a formação do novo Estado independente.

Essa perspectiva se baseia em alguns conceitos problemáticos que fundamentam a argumentação crítica: a concepção cronológica e linear do tempo, a necessidade explicativa do retorno a um princípio originário, a preocupação com uma identidade totalizante da cultura brasileira e a operacionalização de noções como fonte e influência. Tais pressupostos aprisionam a discussão em torno de falsas dicotomias tais como “o local e o universal, o mesmo e o outro, a civilização e o primitivismo, o moderno e o arcaico”.² Além disso, a produção literária dos países periféricos é colocada em uma posição inferior às literaturas europeias e norte-americana, na medida em que há uma relação de complementaridade por meio da qual as obras ficam submetidas ao prestígio das fontes.³

A construção de outro tipo de discurso crítico baseia-se na figura do leitor/autor capaz de realizar uma leitura agressiva, violenta, sobre o texto do colonizador, de modo a assimilá-lo de acordo com a sua experiência social e visão ideológica. Esse leitor antropófago, conforme Silviano Santiago,⁴ tem uma potência disjuntiva, na medida em que ele joga com os signos e rearticula-os em outra escritura. Esse jogo entre escrituras é explicado por Silviano Santiago da seguinte maneira:

O segundo texto se organiza a partir de uma mediação silenciosa e traiçoeira sobre o primeiro texto, e o leitor, transformado em autor, tenta surpreender o modelo original em suas limitações, suas fraquezas, em suas lacunas, desarticula-o e rearticula de acordo com suas intenções, segundo sua própria direção ideológica, sua visão do tema apresentado de início pelo original.⁵

A operação de leitura se caracteriza por um elemento transgressor que contém um jogo de sensualidade e desejo capaz de agredir e desarticular as instituições e a cultura, isto é, a fruição da escritura, segundo Roland Barthes,⁶ se estabelece sempre numa zona limiar, num espaço de ambivalência entre a linguagem e a sua morte, que, no momento da enunciação,

¹ SCHWARZ. Nacional por subtração; SCHWARZ. Por que “ideias fora do lugar”.

² SOUZA, *Crítica cult*, p. 49.

³ SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano.

⁴ SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano.

⁵ SANTIAGO. O entre-lugar do discurso latino-americano, p. 20.

⁶ BARTHES. *O prazer do texto*[0].

implica o vacilo da história, na clivagem do Eu; resulta, conseqüentemente, na produção de uma deriva que enfrenta e não respeita as linguagens sociais.

O caráter transformador do leitor/autor latino-americano aparece nos contos de Jorge Luís Borges, em que há um deslocamento das categorias clássicas de autor, tradição e cânone. No conto “Pierre Menard, autor de Quixote”, o personagem Pierre Menard desempenha o papel de metáfora para esse dispositivo de leitura, uma vez que o seu projeto de reescritura de *Dom Quixote* põe em questão a noção tradicional de autoria, revelando o seu traço de ficcionalidade. O autor perde a sua aura e se apresenta como uma pluralidade de máscaras, isto é, a obra deixa de ter o caráter de propriedade e passa a circular livremente, sendo constantemente resemantizada, a cada momento, pelos leitores.

Esse ato contínuo de leitura e de produção de novos sentidos implica no questionamento da própria tradição e do cânone. Trabalhando na duplicidade entre invisível e visível, modelo e transgressão, Menard desestabiliza o valor aurático das obras pelo movimento de aniquilação dos originais, demonstrado na diferença de tons e feições entre o Quixote de Cervantes e o do personagem borgeano. Esse procedimento infinito e rudimentar de leitura, de acordo com o próprio narrador, no final do conto, quebra a hierarquia cronológica dos textos, dessacraliza-os em sua glória nacional e gramatical e torna-os objeto da “técnica do anacronismo deliberado e das atribuições errôneas”.⁷

A tradição da cultura ocidental, constituída como uma memória impessoal,⁸ é manejada pelo texto de Borges a partir do movimento duplo entre recordar e esquecer que caracteriza a situação ambivalente do escritor latino americano, já que o seu olhar é sempre fronteiriço, ou seja, se forja no cruzamento dos vestígios da tradição central com as histórias locais.

Essa chave hermenêutica transforma a concepção tradicional da história, definida nos termos da racionalidade iluminista, cuja crítica é realizada, sobretudo, nas teses desenvolvidas por Walter Benjamin. É importante observar que a leitura que o presente faz do passado não se estabelece pela dicotomia entre causa/efeito – contida na concepção linear de tempo –, mas pela quebra da continuidade histórica produzida pela permanência dos fragmentos do passado no presente, momento em que o ato de rememoração, de acordo com Georg Otte,⁹ acolhe os ecos e as vozes do passado com a finalidade de construir uma nova união desses dois tempos.

⁷ BORGES. *Ficções*, p. 44.

⁸ PÍGLIA. *Memoria y traición*.

⁹ OTTE. *Linha, choque e mônada: tempo e espaço na obra tardia de Walter Benjamin*.

Esse processo se conclui com a citação do texto pretérito no (con)texto do presente que acontece de maneira metonímica, na medida em que o “fragmento sendo, por definição, parte de um todo, traz consigo todo o texto de origem.”¹⁰ Há uma conjunção estética, de ordem coordenativa, entre as épocas, as quais, portanto, não são encadeadas de modo hierárquico, mas sim produzidas numa relação de autonomia e afinidade.

Essa constelação de tempos e textos é fundamental para a formação desse olhar, caracterizado por Ricardo Píglia¹¹ como estrábico. Na verdade, o caráter fronteiriço dessa perspectiva se expressa na leitura conjunta dos resíduos da tradição ocidental – que vive no paradoxo da ausência/presença – com os elementos das culturas locais.

Tal processo de articulação é abordado também por Ángel Rama sob o ponto de vista da transculturação. Identificando o choque entre as culturas latino-americanas e os elementos de modernização ocidental, ocorrido na primeira metade do século 20, Rama¹² acentua o caráter conciliatório e harmônico na composição de um novo arranjo cultural capaz de reconciliar esse conjunto de signos oriundos de matrizes diversas. Nesse sentido, a figura do mediador simboliza essa forma de articulação pelo fato de reagir ao movimento estrangeiro da aculturação e assimilá-lo num projeto criativo, cuja elaboração leva em conta os dados da vida regional. O intelectual transculturador desempenha, assim, o papel de conjugar a heterogeneidade de tempos e tradições históricas distintas e conflituosas para legar ao futuro um novo sistema híbrido e integrador.

O problema da perspectiva de Ángel Rama repousa no seu caráter conciliatório, definido por Silvia Spitta como utópico. A análise da autora enfatiza os aspectos relativos, de um lado, à traição das tradições orais e, de outro, à presença das histórias traumáticas relacionadas com o passado colonial. Assim, a escrita transcultural deve assumir o ponto de vista do dilaceramento: o dilaceramento da língua ao incorporar os sistemas orais indígenas ou rurais e a traição da história e dos discursos hegemônicos a partir de narrativas ligadas às experiências individuais e coletivas de violência e trauma.

A proposta teórica/ficcional da mirada latino-americana se fundamenta não num projeto conjuntivo para o qual as diferenças devem ser harmonizadas, mas interpela as margens dos discursos hegemônicos da racionalidade científica e da nação moderna para evidenciar as memórias dos conflitos e lutas daqueles sujeitos subalternos. A característica

¹⁰ OTTE, *Linha, choque e mônada*: tempo e espaço na obra tardia de Walter Benjamin, p. 71.

¹¹ PÍGLIA. *Memoria y traición*.

¹² RAMA. *Os processos de transculturação na narrativa latino-americana*.

genealógica, no sentido proposto por Foucault,¹³ desse olhar implica na encenação de outros dois fatores fundamentais: os locais de enunciação e os sujeitos do conhecimento.

O personagem Pierre Menard de Borges metaforiza um tipo de textualidade que interroga a tradição no sentido de introduzir outras temporalidades não redutíveis ao *continuum* da história. Daí a possibilidade de um pensamento intervalar, o qual não se restringe às polaridades fixas construídas sob a orientação da racionalidade política e cultural. A imagem da fronteira retorna como um lugar ambivalente de formação discursiva capaz de produzir intervenções na modernidade ocidental. A emergência desse espaço enunciativo se vincula ao campo semântico, proposto por Walter Mignolo,¹⁴ articulado em torno de termos como a pós-colonialidade, o pensamento limiar, a subalternidade e o pós-ocidental. Segundo o autor, essas zonas de pensamento procuram dar conta de uma série de experiências que foram sufocadas pela construção do mundo moderno ocidental:

Segundo entendo, um dos objetivos da teorização pós-ocidental/colonial é reinscrever na história da humanidade o que foi reprimido pela razão moderna, em sua versão de missão civilizadora ou em sua versão de pensamento teórico negado aos não-civilizados. Como tal, uma das versões da teorização que antevero e defendo é a de pensar a partir da fronteira e sob a perspectiva da subalternidade. Nesse caso, a partir da fronteira do conceito moderno de teoria e daquelas formas anônimas de pensamento silenciadas pelo moderno conceito de teoria.¹⁵

Mignolo pensa a pós-colonialidade como local enunciativo diferenciado capaz de dar conta de um conjunto de vozes relacionadas com experiências submetidas aos processos de violência colonial. Com isso, o lócus de enunciação adquire um caráter político, visto que se constitui em outro tipo de racionalidade, cujo sujeito da enunciação – não restrito à epistemologia ocidental – considera as vivências subalternas e heranças do Terceiro Mundo como instâncias teóricas legítimas.

Desse modo, o processo enunciativo, segundo Bhabha,¹⁶ coloca em questão a autoridade cultural na sua capacidade de definir a veracidade das coisas, propiciando o surgimento de novos significados, exigências e demandas sociais. Assim, há uma ruptura com uma série de categorias estáveis como de nação, comunidade, gênero, classe, raça, entre

¹³ FOUCAULT. *A microfísica do poder*.

¹⁴ MIGNOLO. *A razão pós-ocidental*.

¹⁵ MIGNOLO. *A razão pós-ocidental*, p. 158-159.

¹⁶ BHABHA. *O local da cultura*.

outras, daí o surgimento de uma performatividade cultural, cujas bases se manifestam pela metaforicidade do interstício, do hibridismo e do entre-lugar.

O olhar fronteiriço abre um campo de análise a respeito da literatura brasileira, considerando as formas de representação da nacionalidade, bem como a encenação dos conflitos e embates travados em torno das questões relacionadas às minorias. Os modos de construção de uma identidade nacional orgânica – o todo como um, conforme a metáfora de Bhabha – se apropriam do discurso literário com a finalidade de configurar um cenário brasileiro homogêneo. Esse jogo de espelhos entre a textualidade e a nação é operacionalizado pela história da literatura, cuja linha evolutiva forja uma tradição calcada em valores identitários fixos capazes de ocultar todas as diferenças.¹⁷ Essa coesão social é contraposta pela política da escrita, proposta por Bhabha, que implica novas formas de representação do povo e da nação por meio das quais se abre a possibilidade, segundo Wander Melo Miranda,¹⁸ para a reorientação do “conhecimento através da perspectiva significativa do ‘outro’ que resiste à totalização”.

Cornélio Penna publica toda a sua obra, composta de quatro romances, entre as décadas de 1930 e 1950, período marcado por uma série de mudanças políticas e econômicas que acarretaram um processo de modernização da sociedade brasileira. Os anos de 1950 representam o ponto alto dessas transformações sociais que contribuíram para uma reflexão mais ampla a respeito da condição da nação. Não é por acaso que três romances fundamentais como *Grande sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, *Crônica da casa assassinada*, de Lúcio Cardoso, e *A menina morta*, do próprio Cornélio Penna, encenam de uma maneira ou outra os impasses vividos por uma nacionalidade que perdeu o seu caráter homogêneo. Portanto, a referência ao Brasil não se realiza de maneira totalizante, como uma alegoria da nação em que a história privada reflete as situações sociais, tal como preconiza Jameson para as narrativas do Terceiro Mundo.

O romance *A menina morta* incorpora a noção de “fronteira” – que serve para demarcar, de um lado, a individualidade do país e, de outro, os seus limites com o estrangeiro – ao interior da narrativa, instaurando, com isso, um espaço limiar e tenso em que emergem histórias heterogêneas e antagônicas de diferentes grupos sociais. Desse modo, a heterogeneidade estrutura ação da narrativa que se passa na grande fazenda do Grotão,

¹⁷ SUSSEKIND. *Tal Brasil, qual romance*; MIRANDA. *Nações literárias*.

¹⁸ MIRANDA. *Nações literárias*, p. 22.

localizada no Vale do Paraíba, no final do século 19, e cujo foco se concentra no mundo decadente da família patriarcal, composta pelos senhores, agregados e os escravos.

A limiaridade introduz múltiplas temporalidades relacionadas com as experiências das escravas, escravos, das mulheres agregadas, filhas e senhora. Experiências clandestinas que se constituem como pequenas intermitências da nação capazes de iluminar cenas e imagens das violências patrocinadas pelo patriarcalismo e pela escravidão. Essa multiplicidade de vivências e tempos entra em choque, o que resulta na configuração de uma narrativa fragmentada, não linear, mas cujas ruínas são metáforas e metonímias da nação.¹⁹ As ruínas, sintetizando o espaço e o tempo,²⁰ se constituem nos restos da catástrofe que foi o projeto nacional baseado no sistema latifundiário, monocultor e escravocrata. A decadência não se limita apenas às relações pessoais, mas se estende para a própria aparência da propriedade do Grotão:

Com esforço conseguiu andar e seus vestidos varreram o caminho, como um grande manto que se arrastasse pelo chão, despedaçando-se nas pontas das pedras e nos espinhos das moitas, e deixavam atrás de si farrapos negros, salpicados de pequeninas frutas selvagens e rubras semelhantes a gotas de sangue... Entretanto, ergueu a cabeça, e todo o seu corpo vibrou com surda e irreprimível alegria e a convicção inescrutável de que espalhava a morte e a ruína em torno dela, a encheu de sinistro orgulho.²¹

A personagem, que olha e caminha pelos escombros da fazenda cafeeicultora, é Carlota, filha mais velha do casal proprietário. Nesse momento, a narrativa já se encaminha para o seu final, e Carlota, junto com Manuel Procópio e a escrava Libânia, vislumbra com alegria o estado de decadência da propriedade de sua família. A alegria da personagem se justifica, pois o Grotão em ruínas metaforiza o sistema patriarcal, concentrando, em sua espacialidade, os conflitos, as submissões e as violências decorrentes de seu funcionamento.

O trecho também revela a própria fragmentação da figura do narrador. Durante a descrição das ações de Carlota, há uma interrupção materializada nas reticências que demonstram um não dito, ou seja, o próprio discurso do narrador assume um caráter de dilaceramento ao assumir as omissões voluntárias que se inscrevem no seu enunciado pela marcação desse tipo de pontuação, espalhada em várias partes do romance; ou mesmo, como afirmam Wander Melo Miranda e Josalba Fabiana do Santos, pelos seus silêncios e lacunas os

¹⁹ SANTOS. *Fronteiras da nação em Cornélio Penna*.

²⁰ SELIGMANN-SILVA. Catástrofe, história e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória.

²¹ PENNA. *A menina morta*, p. 614.

quais representam, de uma parte, os interditos familiares e, de outra, a hesitação em recordar e esquecer completamente o passado.

A morte do sistema começa com a morte da menina logo nas primeiras páginas do livro. Filha mais nova do casal (Comendador e Mariana), a sua morte tem como consequência a irrupção de vários sentimentos de sofrimento e frustração – anteriormente recalcados pela presença da criança – das mulheres agregadas, das escravas e dos escravos, instaurando, com isso, as diversas temporalidades. Esse choque de temporalidades possui uma dimensão performativa, pois representa a pluralidade de sentidos conflituosos a partir dos quais a cisão se cristaliza, o entre-lugar aparece e a solidez sociológica da nação é ameaçada.

O lugar da mulher evidencia a ameaça de uma identidade cultural sedimentada historicamente. É o caso das quatro personagens – Dona Virgínia, Celestina, Sinhá Rola e Dona Inacinha –, que, sendo parentes dos donos do Grotão, vivem como agregadas, usufruindo e sofrendo do dispositivo do favor. As narrativas de suas vidas interpelam os discursos pedagógicos da nação e criam uma lógica disjuntiva no signo identitário do gênero. A história das irmãs Inacinha e Sinhá Rola narra a mudança para a fazenda do seu primo. Morando na propriedade falida do seu pai, as duas são abandonadas e resgatadas pelo Comendador que as leva para o Grotão:

Estavam velhas e sozinhas, entregues ao próprio destino, pois sabiam que o pai iria até a morte e não se lembraria delas senão com aborrecimento e impaciência. Quando ficara viúvo, as filhas assistiram com lágrimas ao espetáculo que se desenrolara aos seus olhos da sofreguidão com o que o pai fizera dinheiro de tudo, e sem lhes dizer uma palavra de seus projetos e da situação em que as deixava, montara a cavalo e partira para a corte sem sequer notar que elas o tinham seguido com os olhos lavados de pranto, e sacudiam os lenços mesmo quando ele já dobrara a primeira curva da estrada. E desse dia em diante começara o assalto, a princípio surdo e quase imperceptível, para depois se tornar imperioso e acelerado. (...). Como fazer, como quebrar o respeito que as fazia tremer quando se dirigiam ao pai (...)? Como sustentar a debandada de tudo em torno delas, pois até os escravos eram levados da noite para o dia, sem saberem quando e como tinham sido vendidos. (...). Certo dia, foram avisadas de que o pai morreria e que deveriam sair da propriedade em uma semana (...). Ninguém as fora ver então e elas permaneceram alguns dias aterradas, com vontade de morrer ou de fugir para o mato e entregarem-se à morte lenta, nas garras das feras.²²

O abandono das irmãs embaralha a noção de público/privado que edifica as relações de gênero no mundo familiar do século 19. O próprio Gilberto Freyre²³ assinala a alta especialização cultural do sexo no patriarcalismo. Restritas ao âmbito doméstico, as

²² PENNA. *A menina morta*, p. 90-91.

²³ FREYRE. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*.

personagens sofrem com as atitudes do pai, que, após ficar viúvo, as abandona na propriedade falida. A pergunta retórica do narrador a respeito da autoridade paterna evidencia a ambivalência da situação das duas filhas – entre a submissão tradicional ao poder do *pater familias* e a possibilidade de questioná-lo. A cristalização dessa hierarquia – com os papéis e funções bem delimitadas – revela o seu abismo pela introdução de sentidos outros pelos quais essa enunciação do gênero mostra a sua característica agônica.

As duas personagens, na sequência do capítulo, são resgatadas pelo Comendador. No entanto, a transferência de moradia não muda a condição de prisioneiras, visto que as duas passam a viver em outro cativeiro: “E assim começara o seu cativeiro recebido com resignada amargura, renovado todos os dias por pequeninas coisas que feriam com suas minúsculas arestas aqueles corações cobertos de chagas incuráveis.”²⁴ O Grotão, dessa maneira, desempenha a função de metáfora da prisão,²⁵ em cuja interioridade as mulheres permanecem reclusas. A arquitetura da casa, conforme Wander Melo Miranda²⁶, constrói uma espacialidade fechada e labiríntica, o que dificulta o trânsito das personagens e as mantém encerradas nos seus quartos. Outro aspecto importante diz respeito aos escravos presos nas senzalas da fazenda, ou obrigados a trabalhar nos campos de cultivo do café.

É importante observar que o relato de vida das irmãs Inacinha e Sinhá Rolá é um índice fundamental da estrutura do texto. Em termos benjaminianos, a narrativa tradicional está assentada nas vivências coletivas de uma comunidade. Assim, ela manifesta, de modo horizontal, toda a experiência impregnada na matéria vivida por esse grupo social. Entretanto, a modernidade representa o fim da vida comunitária e, por conseguinte, o declínio desse tipo de experiência. A narrativa romanesca – cuja finalidade repousa na figuração da morte para um tipo leitor moderno e desorientado – se estrutura, segundo Georg Otte,²⁷ de forma a representar a experiência pelo ângulo da verticalidade, abandonando a linearidade para focalizar a complexidade do sentido.

Os fragmentos de *A menina morta* se constituem em ruínas da história da nação. Os sentimentos, latentes e reprimidos sob a presença da menina, são liberados após a sua morte, de maneira que o romance os configura em capítulos extremamente verticais que não possuem

²⁴ PENNA. *A menina morta*, p. 93.

²⁵ SANTOS. *Fronteiras da nação em Cornélio Penna*.

²⁶ MIRANDA. *As casas assassinadas*.

²⁷ OTTE. *Linha, choque e mônada: tempo e espaço na obra tardia de Walter Benjamin*.

um fio capaz de amarrá-los em um *continuum*. Daí, então, a capacidade que o romance tem de narrar a complexidade desses conflitos de gênero, classe e raça.

A história das irmãs Inacinha e Sinhá Rola demonstra o caráter vertical da narrativa, iluminando as condições de gênero no seio da família. Além disso, essa iluminação não se restringe apenas às duas personagens, pois o fragmento de suas vidas serve como metonímia das outras experiências femininas, isto é, o abandono na casa do pai e o cárcere na fazenda do primo representam, de modo metonímico, a totalidade multidimensional da experiência da mulher no interior do patriarcalismo. A personagem Celestina também passa por situações muito parecidas, mas esta sofre o peso maior da submissão, pois ela é da linhagem da família da Senhora Mariana.

A fissura produzida nas relações de gênero decorre de estratégias narrativas de construção de novas significações, abrindo o espaço para a emergência da heterogeneidade. A leitura do romance elege a expressão *entre-lugar do feminino*, termo empregado por Wander Melo Miranda²⁸ como o lugar privilegiado de reconhecimento da alteridade. O *entre-lugar do feminino* causa uma deriva nas identidades de gênero projetadas por formulações discursivas cujas proposições visam delinear maneiras conciliatórias de viver a sexualidade e a nação.

Doris Sommer²⁹ analisa os romances da América Latina, durante o século 19, como formas de textualidade da fundação da nacionalidade a partir de uma retórica de gênero baseada no casamento heterossexual. Desse modo, o casamento, de acordo com autora, passa a ser metáfora e metonímia da consolidação nacional, pois ele engendra a homogeneidade; concilia as tensões; constrói uma legitimidade calcada no passado; projeta um ideal nacional para o futuro. Essas narrativas do século 19 dão conta dos impasses políticos e econômicos dos grupos sociais na configuração de uma unidade nacional.

Por outro lado, em *A menina morta*, o casamento se constitui como um espaço de transgressão no qual essa instituição é atravessada por outros processos de significação a partir dos quais a diferença cultural é encenada, dando a ver as experiências da alteridade. Contrário ao romance do século 19, a narrativa de Cornélio Penna apresenta o casamento heterossexual como elemento de tensão, aspecto já analisado por Josalba Fabiana dos Santos.³⁰

²⁸ MIRANDA. Heterogeneidade e conciliação em Alencar.

²⁹ SOMMER. *Ficções de fundação*: os romances nacionais da América Latina, p. 34.

³⁰ SANTOS. *Fronteiras da nação em Cornélio Penna*.

Em toda a história, há exemplos de matrimônios fracassados. O casal de proprietários, o Comendador e dona Mariana, vive constantemente num dissenso, expressado, como apontou Luís Costa Lima,³¹ na diferença de caminhos entre a cidade do Porto novo e a clareira. Dona Virgínia também teve uma experiência de fracasso com o seu marido. Parada em seu quarto, a senhora mexe em suas gavetas e encontra todo o seu enxoval que traz à sua lembrança os momentos de sofrimento ao lado do marido:

Dentro de poucos anos ela sentira em seus braços o peso do homem embriagado e enfurecido pela mais triste das decadências, que fugia de sua casa para a senzala, onde permanecia dias seguidos. Os compromissos cresceram e tomaram forma tão assustadora, que fora obrigada a entregar quase tudo para arrostar com a vida, sozinha, tendo apenas terras sem escravos que a ajudassem.³²

Esse trecho da vida da personagem Virgínia demonstra o matrimônio como um dispositivo de poder familiar que codifica um tipo de relação entre homem e mulher. Filha e esposa sempre foram apresentadas como elementos constitutivos de uma família que representa o todo da nacionalidade. Daí o estabelecimento de um campo de força em que o feminino é sempre subordinado ao poder e à violência do pai e do marido. Contudo, a cena do mundo privado de Dona Virgínia instaura uma ruptura nessas relações de força. A personagem vivencia esse *entre-lugar do feminino*, pois sua identidade é questionada em seu sentido conciliatório, produzindo um deslizamento do significante que textualiza o espaço da alteridade.

A personagem Carlota rompe com o seu casamento. Costurado pelo seu pai para resgatar a família dos problemas financeiros, o seu matrimônio evidencia a construção de novos laços familiares para fins políticos e econômicos.³³ Entretanto, Carlota não aceita essa situação, o que contribui para a derrocada total da fazenda do Grotão. O ato da personagem representa a ruptura com os destinos traçados para mulher pelo patriarcalismo. Portanto, ela não se torna mais elemento de reprodução da tradição e das relações sociais, operando a fissura no sistema. Dona Virgínia e Carlota suplementam o discurso pedagógico da nação, uma vez que as suas vivências do matrimônio estabelecem a diferença cultural que fora subtraída da imagem original da nacionalidade.

³¹ LIMA. *O romance em Cornélio Penna*.

³² PENNA. *A menina morta*, p. 96-97.

³³ SOMMER. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*.

Além do gênero, a raça também materializa um espaço de conflito e tensão. Na última passagem citada, observa-se que a escravidão, de modo sutil, aparece na figura da senzala e no momento em que Dona Virgínia perdeu seus escravos em função da decadência. Estes figuram em toda a narrativa e são ficcionalizados em personagens como Libânia, Dadade, Joviânia, Bruno, Florêncio entre outros. O jogo entre as raças é apresentado no romance não de maneira harmônica, tal como defendeu Gilberto Freyre em *Casa-grande & senzala*, mas pelo dissenso manifestado nos silêncios e nos interditos impostos aos escravos.

O conflito se insinua nas experiências entre escravos e senhores, nos momentos de trabalho no eito, nas relações entre mucamas e senhoras, na presença dos feitores, na espacialidade da senzala. Além disso, as pequenas falas e narrativas dos escravos desestabilizam a configuração social. A respeito da morte de Florêncio, Bibiana anuncia a notícia do seu falecimento e diz para Dona Inacinha: “Nhanhã, eu acho não ter sido ele quem se matou não, ele foi matado.”³⁴ A reação da senhora foi negativa, tentando reprimir a fala da escrava. Portanto, a enunciação de Bibiana encena a tensão entre as raças e introduz a temporalidade desse grupo social que fez parte da construção da nação graças a um sistema social e econômico calcado na exploração e na violência.

A contemporaneidade de *A menina morta* de Cornélio Penna se apresenta pelas diversas temporalidades que compõe o todo da narrativa. Ou melhor, essas temporalidades – de gênero, classe e raça – entram em choque, estilhaçando o romance, cujos capítulos constroem um quadro da família e da nação como uma imagem fragmentada, cheia de justaposições. Nesse jogo de tempos, a heterogeneidade da diferença cultural mostra o lado obscuro da fundação da nacionalidade brasileira, exatamente no momento de euforia diante dos novos processos de modernização implantados na sociedade.

ABSTRACT

This essay analyses Cornélio Penna's novel *A menina morta*, focusing especially on issues related to gender and ethnicity, and argues that the emergence of voices coming from minority groups brings to the fore other temporalities and heterogeneous social experiences.

³⁴ PENNA. *A menina morta*, p. 222.

KEYWORDS

Nation, memory, minority, alterity

REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. *Weltliteratur* ou cosmopolitismo, globalização, “literatura mundial” e outras metáforas problemáticas. In: _____. *Planetas sem boca*. Trad. Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2006. p. 65-80.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é contemporâneo. In: _____. *O que é contemporâneo e outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009. p. 55-77.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. I.)
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucio Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BORGES, Jorge Luís. *Ficções*. Trad. Davi Arrigucci Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CARVALHAL, Tania. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Trad. Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento do urbano*. São Paulo: Global, 2004.
- LIMA, Luís Costa. *O romance em Cornélio Penna*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- JAMESON, Fredric. Third World Literature in the Era PF Multinational Capitalism. *Social Text*, New York, n. 15, p. 65-88, Fall 1986.
- MIGNOLO, Walter. A razão pós-ocidental. In: _____. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento limiar*. Trad. Solange Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003. p. 133-180.
- MIRANDA, Wander Melo. *Nações literárias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.
- MIRANDA, Wander Melo. Heterogeneidade e conciliação em Alencar: In: _____. *Nações literárias*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010. p. 25-33.
- OTTE, Gorg. *Linha, choque e mônada: tempo e espaço na obra tardia de Walter Benjamin*. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.
- PENNA, Cornélio. *A menina morta*. Curitiba: RM Editores, 2009.
- PIGLIA, Ricardo. Memoria y traición. Anais do 2º Congresso Abralic. Belo Horizonte: UFMG, 1991. V. 1.

- RAMA, Ángel. Os processos de transculturação na narrativa latino-americana. In: _____. *Literatura e cultura na América Latina*. Org. Flávio Aguiar e Sandra G. T. Vasconcelos. São Paulo: Edusp, 2001.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.
- SANTOS, Josalba Fabiana. *Fronteiras da nação em Cornélio Penna*. Tese (Doutorado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Catástrofe, história e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória. In: _____. (Org.). *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2003. p. 391-417.
- SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: _____. *Que horas são? Ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 29-48.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao Vencedor as batatas: fora literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2000.
- SCHWARZ, Roberto. Por que “ideias fora do lugar”. In: _____. *Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 165-172.
- SOMMER, Doris. *Ficções de fundação: os romances nacionais da América Latina*. Trad. Gláucia Renate Gonçalves e Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica cult.* Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.
- SPITTA, Silvia. Traición y transculturación: los desgarramientos del pensamiento latinoamericano. In: MORAÑA, Mabel. *Angel Rama y los estudios latinoamericanos*. Pittsburgh: Instituto Internacional de Literatura Iberoamericana, 1997. p. 174-191.
- SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.